



## **Agroecologia na metrópole: construção coletiva de uma agenda de estudos e ações na Região Metropolitana de Belo Horizonte.**

Gabriel Mattos Ornelas<sup>1</sup>, Marina Ribeiro Coimbra<sup>2</sup>, Luísa Melgaço F. J. Marques<sup>3</sup> e Daniela Adil Oliveira de Almeida<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Graduando em Gestão Pública na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: [gabriellornelas@gmail.com](mailto:gabriellornelas@gmail.com);

<sup>2</sup>Graduanda em Ciências Socioambientais na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail:

[marinaribeirocsa2014@gmail.com](mailto:marinaribeirocsa2014@gmail.com); <sup>3</sup>Geógrafa pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail:

[melgaco.luisa@gmail.com](mailto:melgaco.luisa@gmail.com); <sup>4</sup>Bacharela em Ecologia e Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: [daniadil.aue@gmail.com](mailto:daniadil.aue@gmail.com)

**Resumo:** Este trabalho tem o intuito de contextualizar o surgimento do AUÊ! - Grupo de Estudos em Agricultura Urbana da Universidade Federal de Minas Gerais e descrever brevemente o processo de criação, execução e desdobramentos do *Curso para Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) Agroecológica na Região Metropolitana de Belo Horizonte*, bem como refletir acerca da metodologia, objetivos e processos educativos que orientaram a construção e compartilhamento do conhecimento agroecológico dessa experiência.

**Palavras-chave:** Agroecologia; Agricultura Urbana; Assistência Técnica e Extensão Rural; Políticas Públicas; Planejamento Metropolitano.

### **1. Introdução**

A Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), localizada na porção centro-oeste do estado de Minas Gerais, é a terceira maior região metropolitana brasileira. É composta por 34 municípios que apresentam características sociais, ambientais e econômicas muito distintas. A estrutura territorial da RMBH é excessivamente concentrada no município de Belo Horizonte, apresentando um padrão centro-periferia e um processo de expansão urbana dispersa e fragmentada, resultando em pequenas centralidades sub-regionais e reproduzindo exclusões, precariedades e conflitos sociais e ambientais para grande parte da população (UFMG, 2014).



A complexidade da dinâmica da agricultura na RMBH e sua histórica articulação com a produção e reprodução do espaço pode ser compreendida levando em conta as relações socioambientais, econômicas, políticas e ideológicas que a orientam no contexto urbano-industrial. É importante ressaltar que as práticas agrícolas em regiões metropolitanas precedem o recente conceito de agricultura urbana utilizado pelo poder público e meio acadêmico (COSTA e ALMEIDA, 2012) e seus consequentes desdobramentos nessas esferas. A produção de alimentos e criação de animais ocorre de múltiplas maneiras e os sujeitos envolvidos em tais práticas se engajam, cotidianamente, das mais variadas formas com o espaço cultivável e/ou com o ciclo produtivo e reprodutivo das experiências agrícolas nas metrópoles.

Tendo em vista essa configuração, a agricultura urbana na RMBH se manifesta de diversas formas e engaja-se distintamente com a dinâmica metropolitana, tanto do ponto de vista dos diferentes modelos (monoculturas x produção diversificada, produção que utiliza agrotóxicos x insumos orgânicos, agricultura patronal x agricultura familiar), adotados por cada unidade produtiva, quanto sob o contexto socioespacial que está inserida (próximo a rodovias, mineradoras, assentamentos de reforma agrária, cursos d'água, em áreas muito ou pouco adensadas).

Historicamente, a agricultura urbana e a agroecologia<sup>1</sup> não se configuraram como pautas prioritárias de ações e políticas públicas neste recorte territorial e são, muitas vezes, desconsideradas e invisibilizadas frente a outras questões tidas como prioritárias, como, por exemplo, a expansão de grandes empreendimentos industriais. Associado a isso, tem-se uma fragilidade nos espaços de articulação dos diferentes atores envolvidos com a agricultura urbana e agroecologia, ao mesmo tempo em que se contrapõe a existência destas práticas em uma grande diversidade de contextos locais e a necessidade de fortalecimento das redes de articulação entre as/os agricultoras/es, os movimentos sociais, as instituições e a sociedade civil, além da promoção espaços de comercialização e políticas

---

<sup>1</sup> De acordo com Altieri (2012), a “agroecologia fornece as bases científicas, metodológicas e técnicas para uma nova revolução agrária não só no Brasil, mas no mundo inteiro. De tal modo, os sistemas de produção fundados em princípios agroecológicos são biodiversos, resilientes, eficientes do ponto de vista energético, socialmente justos e formam os pilares de uma estratégia energética e produtiva intimamente vinculada à noção de soberania alimentar”.



públicas intersetoriais vinculadas à construção de conhecimento entre os saberes populares e científicos e outras demandas específicas.

Neste cenário, insere-se o grupo AUÊ! - Estudos em Agricultura Urbana, vinculado ao Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais. O grupo surge em 2013 a partir de iniciativas de pesquisas em curso na instituição relacionadas à agricultura urbana, reunindo pesquisadores/as, estudantes de graduação e de pós-graduação, outras universidades e ONGs em articulação com movimentos sociais e órgãos públicos. Nesse período, já existiam mobilizações sociais e políticas públicas na RMBH direcionadas a temática da agricultura urbana, mas havia uma lacuna referente às informações sistematizadas sobre as práticas agrícolas e agroecológicas.

O trabalho do AUÊ! busca contribuir para o fortalecimento das práticas agrícolas populares no espaço urbano e das ações coletivas advindas das organizações e movimentos sociais como, por exemplo, a Articulação Metropolitana de Agricultura Urbana (AMAU), bem como para a formulação e monitoramento de políticas públicas a partir diferentes campos de investigação, dentre eles: planejamento urbano, agroecologia, espaço público cotidiano, questão ambiental urbana, conflitos socioambientais, questão agrária, organização popular, segurança alimentar e nutricional e economia popular e solidária.

Sendo assim, este relato busca evidenciar a experiência de uma construção coletiva do conhecimento agroecológico, inédita no contexto da RMBH, que se desdobrou em importantes agendas regionais e na criação de um espaço de articulação da agroecologia no âmbito metropolitano, a Rede Urbana de Agroecologia - R.U.A. Metropolitana.

## **2. Descrição e reflexões sobre a experiência**

No ano de 2015, como desdobramento do projeto de extensão “Metrópole em Transição: Implantação do Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica (NEA/UFMG) na Região Metropolitana de Belo Horizonte”, o AUÊ! em parceria com a organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas (REDE) e a Empresa de Assistência



Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (EMATER-MG) promoveram o “Curso para Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) Agroecológica na RMBH”. A proposta foi construir coletivamente uma visão geral das agriculturas na metrópole e uma proposta de ATER para a RMBH orientada pelos princípios da agroecologia.

O curso de formação em agroecologia, direcionado para técnicas e técnicos de ATER, foi financiado no âmbito do projeto de implantação do NEA (chamada 081/2013) pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Ministério da Educação (MEC), Ministério da Pesca e Agricultura (MPA) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

A experiência em questão teve como recorte territorial a Região Metropolitana de Belo Horizonte e, por isso, fizeram parte da sua construção e execução as instituições que prestam serviços de assistência técnica e extensão rural que atuam nestes 34 municípios. No contexto da RMBH configurava-se, em 2015, um arranjo que contava com a atuação da EMATER-MG e da REDE, estas executando chamadas públicas de ATER e ATER Agroecologia, respectivamente. No início das atividades do NEA em 2014, o grupo AUÊ! e os demais parceiros identificaram a ausência de uma articulação entre os espaços e sujeitos ligados à ATER na região e entre as/os agricultoras/es, movimentos sociais, sociedade civil, órgãos governamentais e instituições de ensino.

Portanto, o curso foi construído com os seguintes objetivos: 1- A construção coletiva a cerca de uma visão geral da agricultura na RMBH, incorporando a dimensão territorial (dinâmica territorial, propostas de planejamento e da inserção da agricultura) e a dimensão das práticas (identificação de princípios e aspectos comuns entre um conjunto diverso de experiências e práticas agrícolas, a partir dos conceitos e categorias, das pautas de organizações, movimentos sociais e políticas públicas que se posicionam em oposição ao agronegócio presentes na RMBH); 2- Elaborar uma proposta de ATER para a RMBH, orientada pelos princípios da agroecologia, considerando as especificidades das práticas e da dinâmica territorial da região; 3- Fortalecimento da rede de relações entre os atores que atuam com



a transição agroecológica na RMBH e indicação de propostas para uma agenda de ação e de pesquisa para a qualificação da ATER agroecológica na região.

O curso foi organizado em três módulos com a carga horária total de 40 horas, estruturado através do formato “curso/oficina” e fundamentado em um espaço de diálogo e troca que possibilitou a participação dos parceiros e atores envolvidos que apresentaram e descreveram suas experiências, vivências e conflitos. Para tal, foram utilizadas metodologias que proporcionaram e facilitaram esse modelo participativo de construção, tais como rodas de conversa com apresentações e debates, relatorias gráficas e grupos de trabalho.

Participaram do curso para ATER Agroecologia RMBH uma multiplicidade<sup>2</sup> de atores, dentre os quais se destacam universidades públicas e privadas, ONGs, segmentos do setor público e da sociedade civil organizada. Apesar de atuarem em espaços distintos e possuírem diferentes trajetórias, todos estes apresentam como ponto comum a atuação direta ou indireta com a agroecologia na RMBH. A possibilidade de criar um espaço de aproximação e diálogo horizontal entre segmentos historicamente fragmentados permitiu uma construção especialmente interessante de somatória de forças e potencialização de reivindicações em um contexto territorial em que as pautas da agroecologia são marginalizadas.

A primeira parte do módulo I teve como conteúdo a contextualização da dinâmica territorial e as propostas de planejamento para a RMBH sob a perspectiva do direito à cidade e tendo como referência a experiência do Projeto de Elaboração do Macrozoneamento Metropolitano<sup>3</sup>. Foram

---

<sup>2</sup> Atores envolvidos: KAIPORA - Laboratório de Estudos Bioculturais - UEMG (Ibirité); Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC MINAS; Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR (Sorocaba/SP); Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas - REDE; Instituto Pauline Reichstul - IPR; Rede de Educação Cidadã - RECID; Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais - EMATER/MG; Secretaria de Estado de Desenvolvimento Agrário - SEDA/MG; Agência de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Belo Horizonte - ARMBH; Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão - SEPLAG/MG; Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural Sustentável - CEDRAF/MG; Câmara Governamental Intersetorial de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável - CAISANS/MG; Assessoria do Deputado Federal Padre João; Articulação Metropolitana de Agricultura Urbana - AMAU; Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas - MLB; Comunidade que Sustenta a Agricultura - CSA Minas; Fazenda Vista Alegre (Capim Branco); Associação AMANU - Educação, Ecologia e Solidariedade (Jaboticatubas); Associação de Apicultores das Cidades de Rio Acima e Nova Lima - AACRANOLLI; Federação de Agricultores de Minas Gerais - FETAEMG; Frente Metropolitana e Colegiado Metropolitano de Belo Horizonte.

<sup>3</sup> Plano Metropolitano - Macrozoneamento da RMBH: <http://www.rmbh.org.br/pt-br>



apresentados os processos de gestão metropolitana, realizada pela Agência de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Belo Horizonte e a inserção da sociedade civil nas discussões do planejamento metropolitano. No segundo momento, foi discutido o contexto agrícola na dinâmica da RMBH e os modelos de agriculturas em disputa no Brasil representados pelo agronegócio e pela agroecologia. Posteriormente, a REDE apresentou as experiências de agricultura em que atua e as diversas demandas e singularidades dos sujeitos em diferentes regiões. Na segunda parte do módulo I foi apresentado o processo de mapeamento e caracterização das práticas agrícolas na RMBH realizado pelo AUÊ!, a EMATER apresentou as informações agropecuárias e a experiência de hortas urbanas do município de Sete Lagoas, localizado no Colar Metropolitano.

No módulo II, foram apresentadas as experiências acompanhadas pelas instituições de ATER parceiras do curso (EMATER e REDE) protagonizadas por diferentes sujeitos e exemplificando práticas diversas: produção de alimentos orgânicos com certificação; hortas comunitárias; assentamentos da reforma agrária; feiras agroecológicas de economia popular solidária e práticas de educação popular; agricultura convencional e em transição agroecológica. Em seguida, iniciaram as discussões sobre políticas públicas com foco no Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), os critérios para enquadramento à Declaração de Aptidão ao PRONAF (DAP), seus desafios e possibilidades para fortalecimento da agroecologia na RMBH. Além disso, as/os participantes foram divididos em grupos de trabalho (GTs) com a presença de um facilitador e relator para sistematizar as discussões sobre as metodologias de ATER na perspectiva da agroecologia a partir dos desafios, prioridades e potencialidades.

Por fim, o módulo III teve como objetivo a construção de uma agenda comum de ações e estudos. Colaboraram com o módulo a Secretária de Desenvolvimento Agrário de Minas Gerais (SEDA), a Agência Metropolitana e Câmara Governamental Intersetorial de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável de Minas Gerais (CAISANS-MG), auxiliando na identificação das instituições, organizações e pessoas envolvidas nos espaços (fóruns, conselhos, GTs, conferências) onde se discutem questões importantes para o fortalecimento da agroecologia na RMBH. Também foram



elencadas as ações previstas e propostas pelas entidades de ATER e de pesquisa na RMBH para 2016, tendo como perspectiva atividades colaborativas.

Para nos comunicarmos com os parceiros e atores que compuseram o curso, utilizamos ferramentas virtuais, como convites individuais por e-mail destinados aos convidados e cartazes de divulgação no site do AUÊ! e impressos para divulgar na UFMG. A metodologia participativa adotada, congregando sujeitos com atuações distintas, enriqueceu as trocas e potencializou o processo de aprendizagem coletiva, evidenciando a riqueza e a diversidade de olhares sobre questões comuns - neste caso priorizaram-se as práticas de ATER, princípios da agroecologia e aspectos territoriais - incluindo conflitos e características gerais e questões de planejamento urbano regional. Esse processo articula-se com a aprendizagem individual, ampliando a compreensão destas questões para além da sua experiência, a partir da possibilidade de reconhecer e entender outros contextos apresentados pelo trabalho coletivo. As variadas formas de registro - relatórios, fotos, relatorias gráficas (figuras 01 e 02) e demais materiais trazidos pelos parceiros - representam, mais do que um esforço de sistematização, um cuidado em instrumentalizar as discussões para facilitar os encaminhamentos dos processos durante o curso e nos desdobramentos futuros.

Evidenciou-se também, reflexões e apontamentos acerca das metodologias de ATER, bem como os desafios e as possibilidades para uma ATER agroecológica no contexto da RMBH. A multiplicidade de questões levantadas - que perpassam desde temas como a saúde do produtor, acesso à terra, o abastecimento de água e os entraves no acesso à políticas públicas, até discussões sobre os processos educativos, pautados na troca e reciprocidade entre agentes de ATER e as agricultoras e os agricultores, na visão holística e dialética do mundo e como incorporar essas questões institucionalmente e na prática cotidiana - possibilitou a compreensão territorializada do que une as diversas e, muitas vezes, distintas experiências agrícolas no território metropolitano de Belo Horizonte. As discussões sobre políticas públicas com foco no PRONAF permitiram compreender as legislações e identificar as dificuldades de acesso a DAP por outros sujeitos e práticas que demandam incentivos como, por exemplo, as comunidades quilombolas, as/os agricultoras/os urbanos, evidenciando a



necessidade de aperfeiçoar a DAP ou a possibilidade de elaboração de políticas públicas com critérios específicos.

Desta forma, as discussões possibilitaram o entendimento mais amplo e compartilhado de questões importantes para a atuação de Agentes de ATER, agricultoras/es e demais parceiros e fomentaram o debate crítico sobre o processo de Assistência Técnica que contribuiu para subsidiar futuros desdobramentos na construção e compartilhamento do conhecimento agroecológico, além da formulação de ações estratégicas que pautem demandas agroecológicas e promova o enfrentamento ao modelo convencional de agricultura.

Ao final do curso algumas atividades foram elencadas para a criação de uma agenda integrada de ações e pesquisas para sensibilização da sociedade e gestores sobre a agroecologia. Após alguns encontros e discussões, constituiu-se a Rede Urbana de Agricultura - R.U.A. Metropolitana, em abril de 2016, como um espaço ampliado e permanente de encontro entre organizações da sociedade civil e setores governamentais envolvidos com a agricultura urbana agroecológica para promover discussões e pautar ações colaborativas, contando atualmente com mais de 90 participantes. Dentre as ações previstas estão: publicação sobre a agricultura na RMBH; colaboração na organização de eventos; auxílio na orientação dos municípios para revisão dos planos diretores com inserção e promoção da agricultura e agroecologia; continuidade do processo de caracterização e mapeamento de experiências agrícolas na RMBH; organização de Caravanas Agroecológicas para promover o encontro de agricultoras/es; capacitação e formação em agroecologia para agricultoras/es e técnicas/os; organização de um Encontro de Agricultoras/os Agroecológicas/os; auxílio na discussão para elaboração do Programa Estadual para Redução do Uso de Agrotóxicos – PRONERA; entre outras atividades.

### **3. Diálogos com os princípios e diretrizes da educação em agroecologia (UFRPE, 2013)**

As práticas e vivências educativas do Curso para ATER Agroecologia na RMBH foram orientadas pela indissociabilidade entre extensão-pesquisa-ensino, estabelecendo uma relação entre universidade e sociedade a partir de um enfoque nas especificidades, **diversidade** e **complexidade** das





experiências agrícolas e da dinâmica territorial da RMBH sob uma perspectiva ecológica, sociocultural e técnica. Além disso, teve como proposta o apoio e fortalecimento da transição dos modelos convencionais de agricultura para agriculturas de base agroecológica.

Como já exposto, a proposta do curso foi construída juntamente com as instituições parceiras, adotando uma metodologia democrática e participativa, levando em consideração uma abordagem crítica e sistêmica dos temas e questões discutidos no contexto da RMBH. Assim, o reconhecimento e a leitura do território metropolitano basearam-se na identificação das complexas dinâmicas, disputas e conflitos entre os diferentes setores socioeconômicos e as experiências agrícolas.

As disputas presentes na RMBH são estabelecidas assimetricamente, pois é identificada a imposição da lógica do capital e a mercantilização da terra e da produção dos espaços sobre os demais setores, principalmente o agrícola, ocasionando diversos conflitos socioambientais e econômicos. A experiência possibilitou evidenciar a diversidade dos atores sociais que promovem a agroecologia e refletir sobre as estratégias de acesso à terra e o direito à habitação, a saúde, a segurança alimentar e nutricional, a mobilidade, o lazer e serviços diversos.

Sobre as questões relacionadas à agricultura sustentável na RMBH, o curso dialogou com as dimensões ecológica, econômica, social e política, reconhecendo as experiências de agricultura familiar, comunidades quilombolas e os diferentes movimentos e organizações sociais. Os trabalhos em grupos para discussão das metodologias para implementação de uma ATER agroecológica tiveram como objetivo a identificação dos desafios, prioridades e possibilidades e preparação das/os técnicas/os para atuação na RMBH. As metodologias apresentadas e discutidas incorporaram os princípios da educação popular, valorizando a troca de saberes, conhecimentos e práticas coletivas das/os agricultoras/es para **transformação** da realidade agrícola.

#### 4. Considerações

A indissociabilidade entre a tríade extensão-pesquisa-ensino no desenvolvimento e desdobramentos da experiência foi essencial para evidenciar o papel da universidade na construção do



conhecimento agroecológico, notadamente do grupo AUÊ! e parceiros no processo de diálogo e troca de experiências rumo ao início do reconhecimento da RMBH como um território compartilhado.

A fragmentação do território, as ações mais focadas nos locais/municípios e pouco integrativas, os conflitos decorrentes do desenvolvimento urbano-industrial e a desigual disputa entre os paradigmas de agricultura no território metropolitano ainda se apresentam como grandes desafios na construção de uma agenda integrada que utiliza os instrumentos de planejamento e políticas públicas como estratégias de difusão da agroecologia.

O curso e os seus desdobramentos se colocam como potenciais articuladores para o enfrentamento desses desafios na medida em que aproxima atores que historicamente não dialogam e promove a visibilidade de experiências e práticas que não eram conhecidas, culminando em uma construção do sentido de pertencimento, colaboração e identidade coletiva para manter e estimular a produção de alimentos agroecológicos, bem como promover circuitos curtos de comercialização e a segurança alimentar e nutricional na RMBH.

## Referências

ALTIERI, Miguel. *Agroecologia: Bases científicas para uma agricultura sustentável*. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.

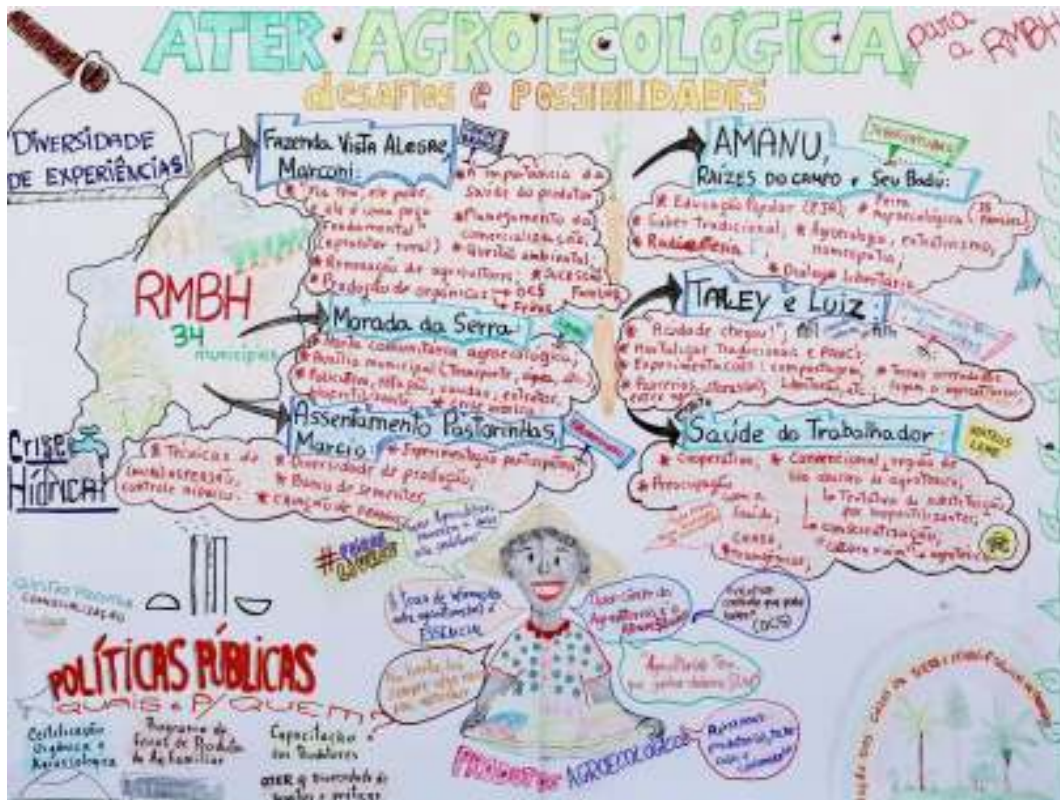
COSTA, H. S. M.; ALMEIDA, D. A. O. *Agricultura urbana: possibilidades de uma práxis espacial?*. Cadernos de Estudos Culturais, v. 4, p. 61-68, 2012.

UFMG. *Plano Metropolitano - Macrozoneamento da RMBH. Produto 02. Avaliação das Tendências Recentes da Dinâmica Territorial da RMBH e Identificação Preliminar das Zonas de Interesse Metropolitano*. UFMG/Cedeplar, 2014. Disponível em: <[www.rmbh.org.br](http://www.rmbh.org.br)>. Acesso em: 20/08/2016.

UFRPE. *Princípios e Diretrizes da Educação em Agroecologia*. I Seminário Nacional de Educação em Agroecologia. Editora Universitária da UFRPE. Recife. 2013.



ANEXOS



**Figura 01:** Relatoria gráfica das discussões sobre os desafios e possibilidades da ATER Agroecológica para a RMBH. Acervo AUÊ referente ao curso de ATER, EECO/UFMG, 29 de Outubro de 2015.



**Figura 02:** Relatoria gráfica das discussões sobre as metodologias de ATER. Acervo AUÊ referente ao curso de ATER, EECO/UFGM, 27 de Novembro de 2015.